

SAÚDE E ADOECIMENTO NA DOCÊNCIA: UM ESTUDO QUANTITATIVO COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria José Ordóñez¹, Zuleide Oliveira Feitosa²

¹ Doutora em Ciências de la Educación (UAA). E-mail: mariaoirdonez50@hotmail.com

² PHD Department of Social, Political and Territorial Sciences (UA-Portugal). E-mail: zld-feitosa@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Analisar os fatores associados ao adoecimento docente e suas repercussões na saúde física e mental de professores da educação básica. **Método:** Estudo quantitativo, descritivo, ex post facto, de delineamento explicativo-causal, realizado com 74 professores de uma escola pública de São Luís (MA). Os dados foram coletados por meio do questionário “Saúde Docente”, validado por meio de análise fatorial exploratória e confirmatória, com análise de confiabilidade (alfa de Cronbach = 0,947). A amostra final foi composta por 74 participantes, após exclusão de casos com dados incompletos. **Resultados:** Identificaram-se duas dimensões principais: agotamiento (esgotamento) e ejercicio profesional (exercício profissional), com forte correlação entre elas ($r^* = 0,795$). Os sintomas mais prevalentes foram dores nas costas (63,7%), sensação de esgotamento físico (49,5%) e cansaço vocal (48,5%). Professores mais jovens apresentaram maior frequência de dores na nuca, enquanto os mais velhos relataram maior desânimo quanto ao futuro da profissão. Mulheres apresentaram maior percepção de cansaço rápido no trabalho. **Considerações finais:** Os resultados evidenciam a urgência de políticas institucionais e públicas voltadas à prevenção do adoecimento docente, com ênfase em ações de promoção da saúde, valorização profissional e melhoria das condições laborais.

PALAVRAS – CHAVE: Mal-estar docente; Licenças médicas; Saúde do professor; Prevenção; Condições de trabalho.

SALUD Y ENFERMEDAD EN LA DOCENCIA: UN ESTUDIO CUANTITATIVO CON PROFESORES DE LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN

Objetivo: Analizar los factores asociados al malestar docente y sus repercusiones en la salud física y mental de profesores de educación básica. **Método:** Estudio cuantitativo, descriptivo, ex post facto, de diseño explicativo-causal, realizado con 74 profesores de una escuela pública de São Luís (MA). Los datos fueron recolectados mediante el cuestionario “Salud Docente”, validado por análisis factorial exploratorio y confirmatorio, con análisis de confiabilidad (alfa de Cronbach = 0,947). La muestra final estuvo compuesta por 74 participantes, tras exclusión de casos con datos

incompletos. **Resultados:** Se identificaron dos dimensiones principales: agotamiento y ejercicio profesional, con fuerte correlación entre ellas ($r^* = 0,795$). Los síntomas más prevalentes fueron dolores de espalda (63,7%), sensación de agotamiento físico (49,5%) y cansancio vocal (48,5%). Los profesores más jóvenes presentaron mayor frecuencia de dolor de nuca, mientras que los de mayor edad relataron mayor desánimo sobre el futuro de la profesión. Las mujeres presentaron mayor percepción de cansancio rápido en el trabajo. **Conclusiones:** Los resultados evidencian la urgencia de políticas institucionales y públicas orientadas a la prevención del malestar docente, con énfasis en acciones de promoción de la salud, valorización profesional y mejora de las condiciones laborales.

Palabras clave: Malestar docente; Bajas

médicas; Salud del profesor; Prevención; Condiciones de trabajo.

HEALTH AND ILLNESS IN TEACHING: A QUANTITATIVE STUDY WITH BASIC EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT

Objective: To analyze the factors associated with teacher distress and its repercussions on the physical and mental health of basic education teachers. **Method:** A quantitative, descriptive, ex post facto study with an explanatory-causal design, conducted with 74 teachers from a public school in São Luís (MA). Data were collected using the “Teacher Health” questionnaire, validated through exploratory and confirmatory factor analysis, with reliability analysis (Cronbach’s $\alpha = 0.947$).

1. INTRODUÇÃO

A docência é uma profissão marcada por intensa responsabilidade e dedicação, envolvendo não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também o manejo de relações interpessoais complexas com alunos, familiares e pares. Essa característica torna a atividade docente particularmente suscetível a elevados níveis de estresse, absenteísmo e esgotamento emocional (Carlotto, 2012; Gil-Monte & Moreno-Jiménez, 2005). Nas últimas décadas, transformações societárias profundas reconfiguraram o trabalho docente, ampliando as exigências sobre esses profissionais. Além das competências pedagógicas, passaram-se a demandar habilidades socioemocionais cada vez mais sofisticadas (Jennings & Greenberg, 2009).

Esse cenário tem contribuído para o aumento de queixas relacionadas à saúde física e mental, configurando o que a literatura denomina “mal-estar docente” (Esteve, 1999). A Organização

The final sample consisted of 74 participants, after excluding cases with incomplete data. **Results:** Two main dimensions were identified: exhaustion and professional practice, with a strong correlation between them ($r^* = 0.795$). The most prevalent symptoms were back pain (63.7%), feelings of physical exhaustion (49.5%), and vocal fatigue (48.5%). Younger teachers showed a higher frequency of neck pain, while older teachers reported greater discouragement about the future of the profession. Women reported a higher perception of becoming tired quickly at work. **Conclusions:** The results highlight the urgency of institutional and public policies aimed at preventing teacher distress, with an emphasis on health promotion actions, professional recognition, and improvements in working conditions.

Keywords: Teacher distress; Sick leave; Teacher health; Prevention; Working conditions.

Internacional do Trabalho (OIT) reconhece o magistério como uma das profissões mais estressantes, com repercussões evidentes na saúde e no desempenho profissional (Reis et al., 2006). Estudos apontam que condições como turmas numerosas, jornadas extensas, falta de tempo para descanso, desvalorização social e relações interpessoais conflituosas constituem fontes recorrentes de sofrimento (Neves & Silva, 2006; Barros et al., 2007).

No contexto brasileiro, a precarização das condições de trabalho — aliada à baixa remuneração, à violência escolar e à falta de reconhecimento — tem intensificado o adoecimento docente (Gasparini, Barreto & Assunção, 2005; Zaidan & Galvão, 2020). Mais recentemente, a pandemia de COVID-19 agravou esse quadro, impondo desafios adicionais como a adaptação abrupta ao ensino remoto, a sobrecarga de trabalho e a ausência de limites entre vida profissional e pessoal (Instituto

Península, 2020; Schmidt et al., 2020).

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar os fatores associados ao adoecimento docente e suas repercussões na saúde física e mental de professores da educação básica, propondo subsídios para intervenções preventivas e políticas institucionais de cuidado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Mal-estar docente: conceituação e evolução

A expressão “mal-estar docente” foi cunhada por Esteve (1984, 1999) para descrever os efeitos negativos permanentes que afetam a personalidade do professor em razão das condições psicológicas e sociais em que exerce sua atividade. Esse conceito abrange desde sintomas físicos — como dores osteomusculares e distúrbios vocais — até manifestações emocionais, como apatia, estresse, desesperança e desânimo.

Nóvoa (apud Silva, 2011) amplia essa compreensão ao relacionar o mal-estar docente ao contexto social e cultural dos alunos, destacando dilemas como a agressividade discente, a falta de respeito e o desinteresse pelos estudos. Tais dilemas, frequentemente enfrentados de forma silenciosa no interior das escolas, contribuem para o desgaste emocional dos professores.

Estudos realizados na Espanha, nas décadas de 1980 e 1990, identificaram como principais problemas do magistério o isolamento profissional, a incerteza, a complexidade da tarefa docente, a dependência intelectual externa e o deterioramento do prestígio social e econômico (Pérez Gómez, 1993). No Brasil, pesquisas recentes confirmam a permanência desses desafios, acrescentando a violência escolar como fator agravante (D’Agostini, 2019; OCDE, 2019).

Na última década, a compreensão do mal-estar docente ampliou-se para incorporar a dimensão da precarização estrutural e seus efeitos na identidade profissional. Oliveira e Vieira (2021) destacam que as reformas educacionais implementadas em diversos países, incluindo o Brasil, intensificaram a lógica de accountability e produtividade, transferindo para o professor a responsabilidade exclusiva pelos resultados educacionais, o que aprofunda o sentimento de insuficiência e desamparo. Silva et al. (2022), em estudo longitudinal com professores da educação básica, observaram que a perda gradual da autonomia e o aumento do controle externo sobre o trabalho docente configuram-se como preditores centrais do adoecimento, especialmente quando associados à ausência de suporte institucional.

Além disso, investigações recentes têm evidenciado a relação entre o mal-estar docente e os processos de desprofissionalização. Santos e Mendonça (2023) apontam que a intensificação do trabalho e a exigência por múltiplas funções — que vão além do ensino, incluindo assistência social, mediação de conflitos e gestão emocional — resultam em um esvaziamento do sentido da docência, contribuindo para o que os autores denominam “sofrimento ético-político”. Essa perspectiva dialoga com a análise de Costa e Assunção (2024), que identificaram a falta de reconhecimento social e a desvalorização salarial como fatores de risco independentes para transtornos mentais comuns em professores, mesmo após controle para variáveis sociodemográficas e condições objetivas de trabalho.

Em sintonia com essas evidências, Teixeira e Lopes (2023) reforçam que o mal-estar docente não pode ser compreendido como um fenômeno restrito ao âmbito individual ou psicológico, mas sim como um problema de natureza institucional e coletiva. Em estudo com 1.200 professores de cinco capitais brasileiras,

os autores demonstraram que a existência de redes de apoio entre pares e a presença de práticas de gestão participativa atuam como fatores protetores significativos, reduzindo a prevalência de esgotamento emocional mesmo em contextos de alta demanda laboral.

2.2. Fatores de risco e manifestações do adoecimento docente

A literatura aponta múltiplos fatores associados ao adoecimento docente, agrupáveis em três grandes categorias: condições de trabalho (sobrecarga, jornada extensa, turmas numerosas), aspectos relacionais (violência, conflitos, falta de apoio) e fatores psicossociais (desvalorização, baixa autonomia, escassez de reconhecimento).

Entre as principais doenças relacionadas à profissão, destacam-se:

- Afeções vocais: distúrbios de voz decorrentes do uso intenso e inadequado (Bermúdez de Alvear et al., 2004; Kooijman et al., 2006);
- Distúrbios osteomusculares: dores na coluna, nuca e ombros, associados à postura e à carga de trabalho (Gómez Etxebarria, 2012; Erick & Smith, 2011);
- Transtornos mentais e emocionais: estresse, ansiedade, depressão, síndrome de burnout (Carlotto, 2012; Melo et al., 2015; Scandolara et al., 2015).

2.3. Impactos da pandemia de covid-19

A pandemia trouxe novos condicionantes ao mal-estar docente. Pesquisa do Instituto Península (2020) com 2.400 professores da educação básica brasileira revelou aumento de 38% na sobrecarga de trabalho, 67% nos níveis de ansiedade e 17% nos casos de depressão, associados a fatores como falta de acesso à internet de qualidade, ausência de capacitação

para o ensino remoto e dificuldade de conciliar o trabalho com a vida doméstica.

Schmidt et al. (2020) alertam que os impactos na saúde mental dos educadores ainda são incipientes em termos de investigação, mas já sinalizam implicações negativas consideráveis, exigindo ações preventivas urgentes.

3. METODOLOGIA

3.1. Delineamento da pesquisa

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, ex post facto, com delineamento explicativo-causal. Esse tipo de delineamento busca estabelecer relações entre variáveis a partir de dados já ocorridos, sem intervenção do pesquisador, sendo adequado para investigar fatores associados ao adoecimento docente (Campoy Aranda, 2018).

3.2. Participantes

A população foi composta por professores da rede pública municipal de São Luís (MA), lotados no Colégio Coelho Neto. Inicialmente, foram convidados 142 professores. Após a exclusão de casos com dados incompletos (respostas em branco em mais de 10% dos itens), a amostra final foi de 74 participantes. Os critérios de inclusão foram: estar em exercício da docência na educação básica e ter disponibilidade para responder ao questionário.

3.3. Instrumento

O questionário “Saúde Docente” foi desenvolvido com base nos trabalhos de Fernández Puig et al. (2015) e na revisão de instrumentos existentes para a avaliação da saúde laboral de professores. Inicialmente, o instrumento contava com 30 itens, respondidos

em escala Likert de cinco pontos (1 = totalmente em desacordo a 5 = totalmente de acordo). A coleta ocorreu durante o evento “Saúde Emocional e Mental do Educador”, com aplicação presencial após consentimento dos participantes.

3.4. Procedimentos éticos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente (Parecer nº 02), em conformidade com a Resolução CNS 466/12. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o anonimato e a liberdade de participação.

3.5. Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada em etapas:

1. Análise descritiva dos itens: cálculo de média, desvio padrão, assimetria, curtose e correlação ítem-total.

2. Análise fatorial exploratória (AFE): com extração pelo método de máxima verossimilhança e rotação Promax, após verificação da adequação da amostra ($KMO = 0,820$; teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2 = 653,322$; $gl = 190$; $p < 0,001$).

3. Análise fatorial confirmatória (AFC): aplicada sobre uma subamostra aleatória para validação da estrutura fatorial.

4. Análise de confiabilidade: alfa de Cronbach para os fatores e para a escala total.

5. Análise descritiva das dimensões: comparações por gênero, idade e tempo de docência utilizando ANOVA e teste t.

Todos os procedimentos foram realizados com o software SPSS v.25.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização da amostra

A amostra final foi composta por 74 professores, sendo 17 homens (23%) e 57 mulheres (77%), com idade média de 38,7 anos ($DP = 9,78$; mínimo 18, máximo 64). Em relação ao vínculo empregatício, 50% eram concursados, 21,6% contratados e 10,8% celetistas.

4.2. Estrutura fatorial do questionário

A análise fatorial exploratória indicou uma estrutura de dois fatores, que explicaram 59,9% da variância total. O primeiro fator, denominado agotamiento (esgotamento), agrupou 12 itens relacionados a sintomas de cansaço físico e mental, perda de concentração e sensação de fracasso. O segundo fator, denominado ejercicio profesional (exercício profissional), reuniu 8 itens relativos a dores osteomusculares, cansaço vocal e percepções sobre o futuro da carreira. A correlação entre os dois fatores foi forte ($r^* = 0,795$; $p < 0,01$), indicando interdependência entre os aspectos físicos e emocionais do adoecimento.

A confiabilidade da escala total foi excelente ($\alpha = 0,947$), com coeficientes de 0,886 para a dimensão agotamiento e 0,910 para ejercicio profesional.

4.3. Sintomas mais prevalentes

Os dados indicaram alta prevalência de sintomas físicos e emocionais entre os participantes:

- Dores nas costas: 63,7% dos professores relataram sentir dores nas costas frequentemente;

- Esgotamento físico: 49,5% afirmaram sentir-se fisicamente esgotados ao final da jornada;

- Cansaço vocal: 48,5% relataram que a voz se cansa com facilidade;

- Isolamento e fracasso: 72,3% dos docentes afirmaram sentir-se isolados na escola, e 72% relataram sensação de fracasso no exercício da profissão.

Esses achados corroboram estudos anteriores que apontam os distúrbios osteomusculares e as afecções vocais como as principais manifestações do adoecimento docente (Bermúdez de Alvear et al., 2004; Erick & Smith, 2011; Kooijman et al., 2006). Além disso, a elevada prevalência de sentimentos de fracasso e isolamento dialoga com os achados de Esteve (1999) e Lantheaume (2012), que destacam a dimensão simbólica do sofrimento docente, frequentemente invisibilizada.

4.4. Diferenças por gênero e idade

As análises comparativas revelaram que:

- Gênero: As mulheres apresentaram maior percepção de cansaço rápido no trabalho ($p < 0,003$), o que pode estar relacionado à dupla jornada de trabalho e à sobrecarga de atividades domésticas, conforme apontado por Gasparini et al. (2005).

- Idade: Professores mais jovens (< 30 anos) relataram maior frequência de dores na nuca ($p < 0,020$), possivelmente associada a posturas inadequadas no ensino remoto e menor tempo de experiência. Já os professores com mais de 50 anos apresentaram maior desânimo quanto ao futuro da profissão ($p < 0,027$), refletindo possivelmente o desgaste acumulado ao longo da carreira e a desvalorização profissional (Paschoalino, 2009).

4.5. Relação entre esgotamento e condições de trabalho

Os resultados evidenciam que o esgotamento físico e emocional está fortemente associado às condições laborais. A sobrecarga de trabalho, a falta de apoio institucional e a exposição à violência escolar emergem como fatores centrais no adoecimento docente, convergindo com os achados de Carlotto (2012), Gasparini et al. (2005) e Tardif & Lessard (2008). No contexto pós-pandêmico, esses fatores foram agravados. Estudo do Instituto Península (2020) já apontava que 38% dos professores relataram aumento da sobrecarga durante o ensino remoto, e 67% apresentaram sintomas de ansiedade. Os dados do presente estudo reforçam a continuidade desse quadro, mesmo após o retorno às atividades presenciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os fatores associados ao adoecimento docente e suas repercussões na saúde física e mental de professores da educação básica. Os resultados evidenciaram que o mal-estar docente é uma realidade multidimensional, envolvendo sintomas osteomusculares, distúrbios vocais, esgotamento emocional e sentimentos de fracasso e isolamento.

A análise fatorial confirmou a adequação do instrumento utilizado e revelou a forte interdependência entre os aspectos físicos e emocionais do adoecimento, reforçando a necessidade de abordagens integradas de cuidado. As diferenças por gênero e idade indicam a importância de intervenções sensíveis às especificidades dos grupos.

Conclui-se que o adoecimento docente constitui um problema de saúde pública

que demanda ações urgentes nos âmbitos institucional e governamental. Entre as medidas necessárias, destacam-se:

1. Políticas públicas que valorizem a carreira docente, com planos de carreira adequados, remuneração justa e condições de trabalho dignas;

2. Ambientes de trabalho saudáveis, com turmas reduzidas, infraestrutura adequada e espaços de escuta e apoio psicológico;

4. Programas de formação continuada que incluam temas como gestão do estresse,

promoção da saúde vocal e prevenção de distúrbios osteomusculares;

5. Cultura institucional de cuidado, baseada no respeito, reconhecimento e apoio mútuo entre gestores, pares e comunidade escolar.

Pesquisas futuras devem aprofundar a investigação sobre os impactos da pandemia na saúde mental dos professores, bem como avaliar a eficácia de programas de intervenção e suporte institucional. Somente com o reconhecimento da centralidade da saúde docente será possível construir uma educação de qualidade, sustentável e humanizada.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, M. T. G.; MAROTO, J. L. S. F. **Condicionantes socio-profesionales de la salud docente**. Oviedo: Ediuno-Universidad de Oviedo, 2000.

ALVEAR DE, R. B. et al. Relaciones entre el uso de la voz y el burnout en los docentes de Educación Infantil y Primaria de Málaga. **Revista española de pedagogía**, p. 85-102, 2004.

ARANDA, S. M. **Um olhar implicado sobre o malestar docente**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

BANDURA, A. A Social Cognitive perspective on Positive Psychology. **Revista de Psicología Social**, v. 26, n. 1, p. 7-20, 2014.

BARROS, M. E. et al. Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. Trabalho, **Educação e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 103-123, 2007.

BATISTA, J. B. V.; CARLOTTO, M. S.; MOREIRA, M. A. Depressão como causa de afastamento do trabalho: um estudo com professores do ensino fundamental. **Psico**, v. 44, n. 2, p. 11, 2013.

BAUMAN, Z. M. L. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERGÉ, M. E. N. **¿Cuándo se quema el profesorado de secundaria?** [S.l.]: Ediciones Díaz de Santos, 2011.

BERNAL, C. **Proceso de investigación científica**. 3. ed. [S.l.: s.n.], 2010.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CAMPOY ARANDA, T. J. **Metodología de la investigación científica. Manual para elaboración de tesis y trabajos de investigación**. Asunción: Marben Editora, 2018.

CANO VINDEL, A. **Factores Psicosociales que Inciden en el Estrés Laboral**. [S.l.]: Presidente de la SEAS, 2002.

- CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout em professores: avaliação, fatores associados e intervenção.** Porto: LivPsic, 2012.
- CARVALHO; GIL P. **A formação dos professores de ciências.** São Paulo: Cortez, 1995.
- CHRISTOV, L. H. S. Educação continuada: função essencial do coordenador pedagógico. In: **O coordenador pedagógico e a educação continuada.** São Paulo: Loyola, 2001.
- COSTA, F. A.; ASSUNÇÃO, A. Á. Reconhecimento social e transtornos mentais comuns em professores da educação básica: um estudo multinível. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 49, n. 1, p. 1-14, 2024.
- D'AGOSTINI, A. C. **Brasil lidera índice de violência contra professores. O que podemos fazer?** Nova Escola, 2019.
- DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: um estudo de psicopatologia do trabalho.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 1999.
- DIAZGRANADOS, S.; GONZÁLEZ, C.; JARAMILLO, R. Aproximación a las problemáticas psicosociales y a los saberes y habilidades de los docentes del distrito. **Revista de estudios sociales**, n. 23, p. 45-55, 2006.
- DOCENTE, A. A. **Taller de Estudios Laborales. Salud y Condiciones de trabajo en el sector docente: diagnóstico y respuestas posibles.** Buenos Aires: ADEMYS, TEL, 2011.
- DUARTE, A. M. C. Intensificação do trabalho docente. In: OLIVEIRA, Dalila et al. (Org.). Dicionário Trabalho, **Profissão e Condição Docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.
- ERICK, P.; SMITH, D. R. A systematic review of musculoskeletal disorders among school teachers. **BCM Musculoskeletal Disorders**, v. 12, p. 260-271, 2011.
- ESTEVE, J. M. **Los profesores en conflicto.** Madrid: Narcea Ediciones, 1984.
- ESTEVE, J. M. **Los profesores ante el cambio social.** Barcelona: Anthropos, 1995.
- ESTEVE, J. M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor.** Porto: Porto Editora, 1999.
- EXTREMERA, N.; REY, L.; PENA, M. La docencia perjudica seriamente la salud: Análisis de los síntomas asociados al estrés docente. **Boletín de Psicología**, n. 100, p. 43-54, nov. 2010.
- FERNÁNDEZ, F. A. Una panorámica de la salud mental de los profesores. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 66, p. 19-30, 2014.
- FERNÁNDEZ-PUIG, V. **Evaluación de la salud laboral docente: estudio psicométrico del cuestionario de salud docente.** Tese (Doutorado) – Universitat Ramon Llull, Barcelona, 2014.
- FERNÁNDEZ-PUIG, V. et al. Evaluando la salud laboral de los docentes de centros concertados: el Cuestionario de Salud Docente. **Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones**, v. 31, n. 3, p. 175-185, 2015.
- FERRARI, I. F.; ARAÚJO, R. S. O mal-estar do professor frente à violência do aluno. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 5, n. 2, 2005.

- FOX, D. J.; LÓPEZ, E. L. **El proceso de investigación en educación**. [S.l.: s.n.], 1981.
- FRANCIA, G. **Modelo de simulación en Muestro**. Bogotá: Universidad de la Sabana, 1988.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.
- GAY, G. **Becoming multicultural educators: Personal journey toward professional agency**. [S.l.]: Jossey-Bass, 2003.
- GIL-MONTE, P. R.; MORENO-JIMÉNEZ, B. **El síndrome de quemarse por el trabajo (burnout). Una enfermedad laboral en la sociedad del bienestar**. Madrid: Pirámide, 2005. p. 36-37.
- GÓMEZ, Á. I. P. Autonomía profesional y control democrático. **Cuadernos de pedagogía**, n. 220, p. 25-30, 1993.
- GÓMEZ ETXEBARRIA, G. **Manual para la formación en Prevención de riesgos Laborales. Especialidad de Ergonomía y psicología Aplicada**. [S.l.]: Ed. CISS, 2009.
- GÓMEZ ETXEBARRIA, G. **Manual de prevención de riesgos y salud laboral en los centros docentes**. Las Rozas (Madrid): Wolters Kluwer, 2012.
- HANS, S. **El descubrimiento del estrés**. [S.l.: s.n.], 2008.
- INSTITUTO PENÍNSULA. **Pesquisa aponta que os professores estão mais favoráveis à tecnologia e se sentindo valorizados, mas estão desconfortáveis com a volta**. [S.l.], 2020.
- JENNINGS, P.; GREENBERG, M. The prosocial classroom: Teacher social and emotional competence in relation to student and classroom outcomes. **Review of Educational Research**, v. 79, n. 1, p. 491-525, 2009.
- JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional**. Porto Codex: Porto, 1998.
- JESUS DE, S. I.; FARIAS, M. D. L. S. O. Função paterna e adolescência em suas relações com a violência escolar. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 10, n. 1, p. 111-136, 2010.
- KANKARE, E. et al. Subjective evaluation of voice and working conditions and phoniatric examination in kindergarten teachers. **Folia Phoniatica et Logopaedica**, v. 64, p. 12-19, 2012.
- KOOIJMAN, P. G. et al. Risk factors for voice problems in teachers. **Folia Phoniatica et Logopaedica**, v. 58, n. 3, p. 159-174, 2006.
- KULLOK, M. G. B. **Formação de professores para o próximo milênio: ¿novo locus?** São Paulo: Annabluma, 2000.
- LAGAR, F. et al. **Conhecimentos Pedagógicos para Concursos Públicos**. 3. ed. Brasília: Gran Cursos, 2013.
- LANTHEAUME, F. Professores e dificuldades do ofício: preservação e reconstrução da dignidade profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 368-387, 2012.
- LEITE, M. D. P.; SOUZA, A. D. **Condições do trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil – Estado da Arte**. São Paulo: Fundacentro/Unicamp, 2007.

- LEÓN, G. L. Los profesionales de secundaria, como factores de riesgo en el síndrome de Burnout. **Revista Electrónica Educare**, v. 15, n. 1, p. 177-191, 2011.
- LÉVY, P. **Inteligencia Colectiva: por una antropología del ciberespacio**. Washington: BIREME – OPS – OMS, 2004.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LONGÁS, J. **Una aproximación a l'escola com a organització saludable. Anàlisi de la relació entre el context intern del docent i la síndrome d'esgotament professional**. Barcelona: Universidad Ramón Llull, 2010.
- MAYO, I. C.; MARTÍNEZ, S. T. La satisfacción laboral y profesional de los profesores. **Revista Lasallista de Investigación**, v. 13, n. 1, p. 214-226, 2016.
- MC ALEAVY, G. J. et al. Modelling determinants of the vocal health of teachers in Northern Ireland: Implications for educational policy and practice. **Journal of Public Health**, v. 122, p. 691-699, 2009.
- MELO, W. F. et al. Síndrome de Burnout em professores. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 5, n. 4, p. 01-06, 2015.
- MERCADO, L. P. L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: Edufal, 1999.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Síndrome de Burnout**. Brasília, 2019.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS. **Dispõe sobre o estatuto dos servidores públicos do Município de São Luis e dá outras providências**. São Luís, 2006.
- NERRIÈRE, E. et al. Voice disorders and mental health in teachers: a cross-sectional nationwide study. **BMC Public Health**, v. 9, p. 370-378, 2009.
- NEVES, M. Y. R.; SILVA, E. S. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 63-75, 2006.
- ODELIUS, C. C.; CODO, W. S. Infraestrutura das escolas públicas. In: CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 193-203.
- OLIVEIRA, D. A.; VIEIRA, L. F. Trabalho docente e reformas educacionais: implicações para a saúde e a identidade profissional. **Educação & Sociedade**, v. 42, e238976, 2021.
- OTERO, M. **El malestar docente es más que el “burnout”**. [S.l.: s.n.], 2019.
- PASCHOALINO, J. B. **O Professor Desencantado: Matizes do Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009.
- PEREIRA, M. R. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. [S.l.]: Artmed, 2015.
- RANCHAL SÁNCHEZ, A.; VAQUERO ABELLÁN, M. Burnout, variables fisiológicas y antropométricas: un estudio en el profesorado. **Medicina y seguridad del trabajo**, v. 54, n. 210, p. 47-55, 2008.